



Significação: revista de cultura
audiovisual

E-ISSN: 2316-7114

significacao@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

Schiavoni, Jaqueline Esther

Televisão: tecnologia e forma cultural – dos usos e efeitos planejados aos usos e efeitos
imprevistos

Significação: revista de cultura audiovisual, vol. 43, núm. 46, julio-diciembre, 2016, pp.
230-237

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609766520014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



***Televisão: tecnologia e
forma cultural –
dos usos e efeitos
planejados aos usos e
efeitos imprevistos***
*Television: technology
and cultural form –
from planned uses and
effects to unanticipated
uses and effects*

////////

Jaqueline Esther Schiavoni¹

¹Em estágio de pós-doutoramento junto ao Grupo de Estudos Audiovisuais (GEA-Unesp/Fapesp). Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP. Email: jeschiavoni@yahoo.com.br.

Resumo: a batalha pela livre comunicação motiva todo o desenvolvimento de *Televisão: tecnologia e forma cultural*, escrito por Raymond Williams. Originalmente publicada em inglês, em 1974, a obra ganha tradução para o português em 2016. O viés crítico do autor, que recusou para a mídia televisiva tanto o *determinismo tecnológico* como a ideia de uma *tecnologia determinada*, é agora recuperado, lançando base para as discussões atuais em torno dos usos e efeitos planejados e dos usos e efeitos imprevistos da tecnologia e suas formas culturais.

Palavras-chave: Raymond Williams; televisão; tecnologia; forma cultural.

Abstract: the battle for free communication motivates the entire development of *Television: technology and cultural form*, written by Raymond Williams. Originally published in English in 1974, the work gains a Portuguese translation in 2016. The author's critical bias, which rejected both the *technological determinism* and the idea of a *determined technology* for the television media, is now recovered, laying the foundation for the current discussions about planned uses and effects and the unanticipated uses and effects of technology and its cultural forms.

Key words: Raymond Williams; television; technology; cultural form.

Costuma-se dizer que *Televisão: tecnologia e forma cultural* é um clássico. O adjetivo é devido. Significa que, por sua qualidade e sobriedade, a proposta que perpassa a obra é reconhecida como um modelo para os estudos de televisão – embora, evidentemente, não esteja limitada a esse meio. De que proposta, exatamente, se trata? De uma visada crítica, que vincula a compreensão das formas culturais às potencialidades e limitações das técnicas que incidem sobre elas, e o surgimento e desenvolvimento das próprias técnicas a um conjunto de intenções e valores dominantes em uma dada época e lugar. Contudo, não se trata de uma sentença inabalável: os usos e efeitos originalmente planejados da tecnologia – e, consequentemente, das formas culturais por elas engendradas – podem coexistir ou mesmo dar lugar a usos e efeitos imprevistos.

Raymond Williams explica que o material que impulsionou a formulação desse pensamento foi reunido e analisado entre 1968 e 1972, a propósito das críticas mensais que escreveu durante esses quatro anos para o jornal semanal da BBC, *The Listener*². Sobre tal atuação, ele comentou: “pude escolher meus próprios assuntos e, em vários momentos, tentei resumir minhas impressões sobre um uso ou forma particular de televisão – esportes, viagens, seriados, policiais, comerciais, reportagens políticas, debates [...]” (WILLIAMS, 2016, p. 21).

Depois disso, o autor faz referência a duas experiências vividas na América do Norte: a primeira, durante uma noite em Miami, em que se pôs a assistir a televisão local e passou a perceber o deslocamento da noção de sequência como *programação* para o de sequência como *fluxo*; a segunda, referente ao período de um ano em que esteve como professor visitante, em Ciências Políticas, na Universidade de Stanford.

Esse trajeto foi feito logo que o programa da BBC deixou de ir ao ar, em dezembro de 1972. Williams saiu da Grã-Bretanha rumo aos Estados Unidos e o livro foi escrito, em grande parte, justamente durante sua estada na Califórnia, em 1973. Das relações que estabeleceu com a televisão local – por vezes sentado o dia todo diante a pequena tela em seu *Escondido Village* – e com os colegas do Departamento de Comunicação da Stanford resultaram algumas comparações entre as práticas britânicas e as práticas norte-americanas de televisão e também diversas considerações sobre tecnologias emergentes como o vídeo cassete, a transmissão por satélite, receptores de tela grande, distribuição de conteúdos por cabo, etc. A obra foi publicada em 1974.

²Em *Raymond Williams on television – selected writings*, publicado em 1989, é possível encontrar um bom apanhado dessas notas.

é incrível ver o quanto do atual ambiente midiático meu pai antecipou com precisão. [...] Muitos desenvolvimentos técnicos que ele discutiu em 1973 já ocorreram, embora as questões políticas e culturais continuem pertinentes, e muitas decisões sobre a estrutura e o controle estejam ainda abertas ao debate (2016, p. 19).

Ele rejeita argumentos que insistem que as tecnologias têm vida própria, que elas emergem de um processo de pesquisa e desenvolvimento imaculado por expectativas sociais ou políticas e interesses econômicos. Com a mesma veemência, rejeita também os argumentos de que as tecnologias, por si mesmas, determinam uma resposta social, que elas têm determinados efeitos e consequências, que são resistentes às complicações e às incertezas da sociedade e da história (2016, p. 13-14).

Como se pode observar, tais registros não apenas informam sobre o conteúdo e os objetivos específicos da escritura de Williams no que diz respeito à televisão, mas, no conjunto que passam a compor, dão relato sobre a importância e a influência

O material que vem na sequência não desaponta o leitor. Os que já haviam realizado a leitura em língua estrangeira perceberão que o estilo do autor foi preservado, mas, falando-lhes agora em língua materna, os raciocínios e argumentações de Williams os alcançarão de uma maneira diferente. Quanto aos que se iniciam, estes encontrarão seis capítulos que os ajudarão a considerar:

1) as intrincadas relações que se estabelecem entre sociedade e tecnologia articuladas a causas e efeitos, necessidades e invenções, bem como o conceito de “privatização móvel” proposto por Williams a fim de nomear o estilo de vida móvel e focado no lar que caracterizou a vida moderna industrial e urbana e deu à televisão um lugar de destaque;

2) as instituições da tecnologia e os usos que fizeram dos meios de comunicação, avaliando como interesses privados e estatais conduziram o desenvolvimento inicial da radiodifusão em países da Europa Ocidental e Estados Unidos, e como após a data de 1950 a expansão do sistema de comunicação norte-americano foi fator determinante sobre o desenvolvimento da radiodifusão em todo o mundo não comunista;

3) as interações entre a tecnologia da televisão e as formas provenientes de outros domínios culturais e sociais, num processo marcado por combinações, adaptações e inovações no modo como foram apropriadas, assim como a criação de formas possivelmente autênticas ou, ao menos, qualitativamente diferente das anteriores. Tão interessante quanto os comentários sobre as diversas velhas e novas formas culturais destacadas – notícias, debate e discussão, educação, drama, variedades, esporte, publicidade, passatempos, especiais etc. – são as relações de influência que umas exercem sobre as outras, cuja lógica é reforçada na disposição sequencial das apresentações e seu impacto no conjunto ou todo televisivo que conformam, preparando o leitor para o tópico seguinte, central na obra;

4) o fenômeno do *fluxo* planejado como a característica que define a radio-difusão simultaneamente como uma tecnologia e uma forma cultural. O conceito é exposto observando-se a seleção e associação de variadas formas na programação televisiva americana, bem como o viés comercial incorporado pelos programas patrocinados – desde sua concepção, como parte do pacote a ser oferecido:

Efeitos da tecnologia e seus usos

- 5) o perigo de se tomar alguns efeitos como causas – o que, muitas vezes, acontece com a televisão quando o assunto envolve questões como o sexo e a violência na sociedade. O ponto em discussão é que uma análise apurada não deve isolar a tecnologia: “se o meio de comunicação – a imprensa ou a televisão – é a causa, todas as outras causas, todas aquelas que os homens habitualmente entendem como história, estão imediatamente reduzidas a efeitos” (WILLIAMS, 2016, p. 136). Daí a pesada crítica dirigida ao trabalho de Marshall McLuhan:

se os meios de comunicação específicos são essencialmente ajustes psíquicos, vindos não das relações entre nós, então é óbvio que a intenção, em qualquer caso geral ou particular, será irrelevante. Desprezando-se a intenção, despreza-se também o conteúdo, aparente ou real. Todas as operações dos meios de comunicação são, assim, dessocializadas; tornam-se simples eventos físicos em um sensorio abstrato e são distinguíveis somente pela variação das frações de sensibilidade [...]. Se o efeito do meio é sempre o mesmo, não importando quem o controle ou use, nem o conteúdo que se tente inserir, então podemos esquecer todo o debate político e cultural e deixar a tecnologia operar por si mesma (WILLIAM, 2016, p. 137).

Depois de rejeitar o *determinismo tecnológico* presente em abordagens como a de McLuhan, Williams alerta que tampouco se deve encarar as mídias como *tecnologias determinadas*, uma vez que os diversos fatores reais envolvidos – como “a distribuição de poder ou de capital, a herança social e física, as relações de escala e de tamanho

entre grupos – colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa nesses limites” (WILLIAMS, 2016, p. 139);

Tecnologia alternativa, usos alternativos?

- 6) o desenvolvimento e o uso das tecnologias como parte de um processo mais geral, de embate entre instituições e políticas de “serviços públicos” e “comerciais”, do qual nenhuma velha técnica escapou e do qual nenhuma nova técnica ou tecnologia alternativa poderá escapar.

O trabalho de tradução de Márcio Serelle e Mário Viggiano vem em momento oportuno. No posfácio que assinam com Ercio Sena, esse movimento é colocado de modo objetivo, como a “recuperação de um projeto crítico como contribuição para pensar as relações contemporâneas entre nossa sociedade e sua mídia dominante” (2016, p. 174).

Em tal contexto, “a televisão é também *ainda*, em grande parte, aquela que conhecemos no século XX” (p. 176, grifo nosso) – a mesma televisão ou o modelo de radiodifusão estudado por Williams. A afirmação considera a pesquisa divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, intitulada “Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira” (SECOM, 2014), da qual se extraem os seguintes dados: 97% dos domicílios possuem pelo menos um aparelho de televisão; apesar do crescimento exponencial da internet na última década, 96% dos entrevistados afirmam ver TV, sendo que 73% o fazem diariamente; e, em média, o brasileiro passa mais de quatro horas por dia em frente à televisão, em seu fluxo planejado:

dizemos *ainda* que ‘assistimos à TV’, não a um programa específico, e nos referimos com elogio ou repúdio a uma rede de TV como um todo – e não somente a um programa jornalístico específico –, como se reconhecêssemos que determinada tonalidade a atravessa, conformando uma dicção mais ou menos homogênea, que acaba por se sobrepor a qualquer contraponto que alguns programas, dentro dessa própria rede, possam oferecer (SERELLE; VIGGIANO; SENA; 2016, p. 176, grifo nosso).

Se a ideia em torno do fluxo planejado de conteúdos comunica um sentido distintivo de “todo” ou “conjunto” para a televisão que Williams analisou e esta, como mostram os dados, permanece na sociedade brasileira – e em outras também –, a ênfase sobre a palavra *ainda*, repetida algumas vezes na descrição desse objeto

Nesse sentido, o momento histórico vivido e analiticamente observado por Williams é, de certo modo, semelhante ao momento que vivemos hoje, em que variadas tecnologias despontam e o centro das discussões se coloca sobre o conjunto de possibilidades comunicacionais que as mídias podem representar. Em todos os casos, a questão continua essencialmente a mesma: é possível usar as tecnologias para fins diferentes da ordem estabelecida? Williams acreditava que sim, por isso escreveu *Televisão*: “se a ação é necessária agora, as primeiras condições para ela são informação, análise, educação e discussão, às quais ofereço este livro como uma pequena contribuição e, espero, um incentivo” (2016, p. 163). Os votos se estendem para toda nova tecnologia e suas formas culturais.

O'CONNOR, A. (Org.). *Raymond Williams on television: selected writing*. Londres: Routledge, 1989.

SECOM. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Disponível em: www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf. Acesso em: 29 nov. 2016.

WILLIAMS, R. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1ª ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.